

CAIXA DE MEMÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA MUSEAL NA PANDEMIA

Elizandra Cristina da Silva¹

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência da realização de uma atividade que integra meu projeto de pesquisa de mestrado intitulada “Caixa de Memória”. O público alvo é constituído de crianças do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Bom Pastor, onde atuo como Pedagoga desde 2008. Baseada na curta metragem “D. Cristina Perdeu a Memória” (2002), a atividade teve como objetivo oportunizar às crianças a vivência de uma experiência museal, através do registro de suas memórias na pandemia. Ao longo da pesquisa de mestrado, será utilizada uma abordagem quanti-qualitativa, pois além desta atividade prática realizada com as crianças, lançaremos mão de questionários e entrevistas para a construção dos dados. Serão abordados os conceitos de memória, experiência e prática museal, conectando conhecimento e vida. Destacaremos as narrativas diversas deste tempo delicado que estamos vivendo, em que a prioridade é preservar a vida, em que ficou claro que nosso primeiro patrimônio é a vida! O desenvolvimento e análise desta atividade traz alguns indícios interessantes, dentre eles a transparência e maturidade das crianças ao compartilharem suas recordações plenas de significados e sentidos, oportunizando a realização de uma experiência museal realmente humanizadora.

Palavras-chave: experiência museal; memória; pandemia.

PÚBLICO ALVO

Estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, do turno da manhã, da Escola Municipal Bom Pastor, totalizando 146 crianças. A Escola Municipal Bom Pastor está situada à rua Manoel Fortes, 955, bairro Bom Pastor, no município de São João del-Rei, Minas Gerais.

¹ Mestranda em Educação e graduada em Pedagogia, UFSJ. Pedagoga da Escola Municipal Bom Pastor. Orientanda da Professora Doutora Christianni Cardoso Morais.

OBJETIVO

Realizar a atividade Caixa de Memórias com as crianças da Escola Municipal Bom Pastor oportunizando a vivência de uma experiência museal, de modo a deixarem registradas suas memórias da pandemia.

DESENVOLVIMENTO

A atividade Caixa de Memórias foi desenvolvida durante o mês de abril de 2021, de maneira remota, uma vez que devido à pandemia do Covid-19 - também conhecida como pandemia do coronavírus - as aulas presenciais foram suspensas desde março do ano passado, em todo país. Esta ação segue os protocolos de prevenção e distanciamento social e está regulamentada pela Portaria nº343, de 17 de março de 2020 que “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a pandemia do Novo Coronavírus – COVID 19” (Portaria 343).

Vejamos os passos que foram seguidos na realização do projeto:

1º passo: Leituras deleites e Curta-metragem “Dona Cristina perdeu a memória”.

A atividade foi iniciado a partir de algumas leituras deleites, dentre elas o poema “Caixa Mágica” de Roseana Murray, as histórias “Guilherme Augusto Fernandes de Araújo” de Mem Fox, “E um rinoceronte dobrado” de Hermes Bernardi e o curta-metragem “D. Cristina perdeu a memória” (2002).

O curta-metragem conta a história do garoto Antônio e de Dona Cristina. Antônio um garoto curioso, que estava tentando construir uma pequena ponte para passar com sua bicicleta, somando várias tentativas frustradas, que o levaram ao chão várias vezes. Uma cerca de madeira dividia o quintal da casa de Antônio e o quintal de dona Cristina, uma senhora com mal de Alzheimer que sempre fazia ao garoto as mesmas perguntas. O tempo os fez amigos, dona Cristina o ajudou a consertar a ponte para ele passar com sua bicicleta e também pediu à Antônio que ele guardasse alguns objetos que ela vinha colecionando. Cada objeto representava a lembrança de alguém especial, assim num gesto de carinho e amizade o garoto se tornou o guardião das lembranças de dona Cristina.

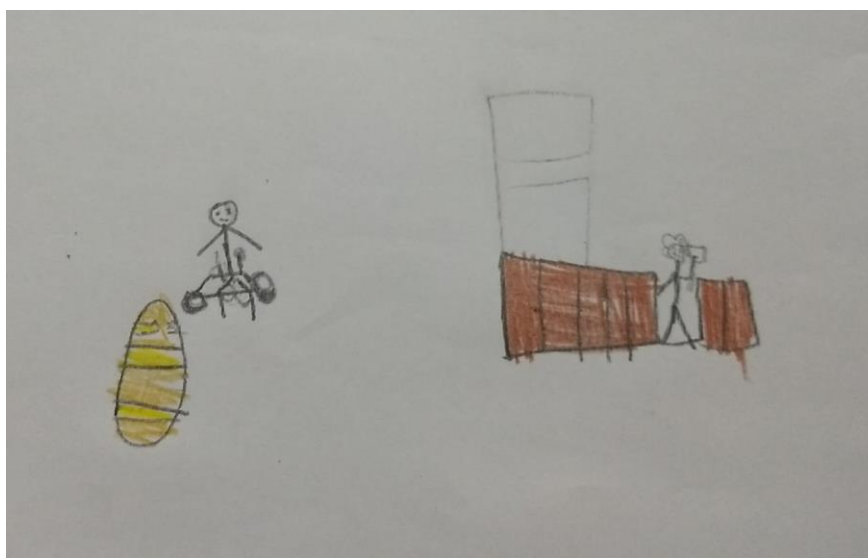
Após se deleitarem com o vídeo, foi solicitado que as crianças fizessem um resumo e/ou um desenho sobre a história.

Segue um resumo do curta-metragem realizado por uma estudante do 5º Ano:

Dona Cristina era vizinha do Antônio. Um dia, ela o viu e perguntou qual era seu nome e ele respondeu que era Antônio. Ela ficou falando das pessoas que moravam lá e falou também do Santo Antônio e foi tomar banho. No outro dia, ela perdeu a memória, perguntou o nome do menino de novo e ele falou outro nome e aí ela falou algumas coisas e foi tomar banho, porque vinha visita. No dia seguinte foi a mesma coisa. Até que em certo dia, ela não esqueceu e fez uma ponte para Antônio passar com sua bicicleta! Ela lhe mostrou algumas de suas relíquias e pediu para ele as guardasse. E os dois ficaram amigos. (MAILA, 5º Ano).

O estudante Rafa desenhou os dois personagens e explicou sua ilustração da seguinte maneira: “Eu fiz o menino caído e a senhora olhando. Ela ainda não tinha consertado a ponte.” Rafa disse que gostou da história e fez o seguinte comentário “Ela perdeu a memória mesmo e eu gostei da hora que ela consertou a ponte!” (RAFA, 4º Ano).

Figura 1- Desenho do Rafa sobre o curta-metragem



FONTE: Arquivo da Pesquisadora

Tanto a partir do resumo como da ilustração realizados pelas crianças citadas acima é possível constatar que elas entenderam o sentido da história, relatando a perda de memória de dona Cristina e a amizade estabelecida entre os dois personagens. Também percebemos a presença de alguns elementos metafóricos nas duas releituras, como a cerca, a ponte, os objetos que são chamados de relíquias. A cerca a princípio separa uma idosa e uma criança, dois mundos diferentes que se estreitam e se conhecem ao atravessarem a ponte da amizade,

do afeto; ao deixar-se afetar pela simpatia e pelas histórias que dona Cristina lhe contava o menino Antônio começou a entendê-la e a ouvi-la com atenção, havendo uma troca de vivências e cooperação. Dona Cristina pediu a Antônio que ele guardasse suas memórias que foram registradas por cada objeto como meio de valorização de sua memória. Enfim, é uma história bastante propícia para o trabalho sobre tempo e memória, e também que em tempos de isolamento social é um instrumento que vem fomentar o cuidado mútuo, o respeito e a esperança entre todos nós.

2º passo: Confeção da caixa de memórias:

As crianças foram convidadas a confeccionarem suas Caixas de Memórias, enfeitando uma caixa e escolhendo alguns objetos para guardarem na caixa, sendo estes um registro do que elas estão sentindo e experienciando neste momento de pandemia. E partindo da premissa de Jorge Larrosa de que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2014, p.18) podemos dizer que ninguém conseguirá passar pela pandemia do Coronavírus sem ser afetado de alguma forma, sem ter uma experiência para contar, para compartilhar. Reforçando que, segundo Larrosa,

A experiência é o que nos acontece, não o que acontece, mas sim o que nos acontece. Mesmo que tenha a ver com ação, mesmo que às vezes acontece na ação, não se faz a experiência, mas sim se sofre, não é intencional, não está do lado da ação e sim do lado da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição. (LARROSA, 2014, p.68).

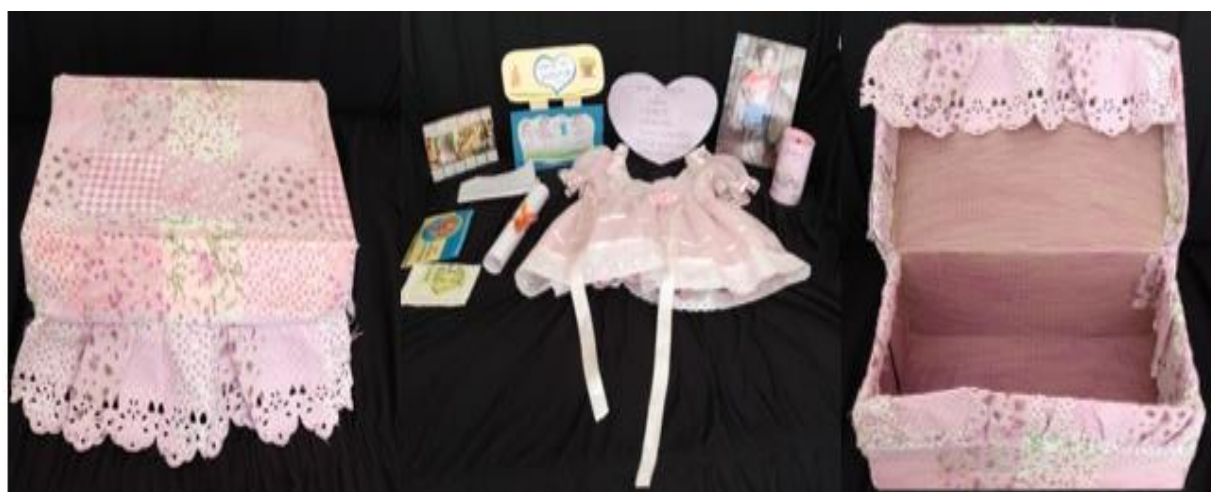
A experiência é algo que nos transforma, o que nos tira do lugar. Ninguém ficará ileso à pandemia e por isso nenhuma caixa de memórias ficará vazia neste período.

Na sequência as crianças gravaram um vídeo apresentando sua caixa e os objetos escolhidos que indicam o significado e a importância de cada objeto para a sua memória pessoal e também enviaram várias fotos.

Abaixo seguem as fotos enviadas pela estudante Manu, do 4º Ano, na qual constatamos todo cuidado e zelo na confeção de sua caixa, enfeitando-a com tecido e rendas. Dentre os objetos escolhidos para compor sua caixa de memórias estão o vestido de seu batizado, lembrancinha de aniversário, calendário com fotos, uma fotografia dela com o uniforme da escola, convite de formatura da Educação Infantil, atividade da Festa da Família realizada na escola, um bilhete no formato de coração endereçado a algumas funcionárias da

escola. Percebemos em suas escolhas uma forte presença da escola, sendo a maioria dos objetos referentes a mesma.

Figura 2 - Caixa de Memória da Manu, 4º ano.



FONTE: Arquivo da Pesquisadora

Vale ressaltar que para a identificação das crianças nesta pesquisa foi solicitado a cada uma que escolhesse um nome fictício, um codinome como dona Cristina explica para o Antônio no curta-metragem (2002) “codinome é o nome que a gente inventa para os outros não saberem o nome da gente”. Categorizando estas escolhas percebemos que a maioria dos pseudônimos, mais precisamente 52,1%, são apelidos ou fazem algum tipo de alusão ao próprio nome ou sobrenome das crianças; 41,1% escolheram nomes de personagens, 4,1% escolheram nomes de flores e 2,7% nomes carinhosos de animais.

Os conceitos abordados neste trabalho são o de memória, experiência e prática museal. De acordo com o historiador Le Goff “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades.” (LE GOFF, 2013, p.435).

Cada narrativa apresentada torna esta atividade mais rica e significativa, através da escuta afetiva de nossas crianças. Em cada caixa reúnem-se experiências, saberes, sensações, emoções e sentimentos que são caros a cada um dos envolvidos.

As memórias constituem a nossa capacidade de perceber e reunir experiências, saberes, sensações, emoções e sentimentos que por um motivo ou outro, escolhemos para guardar. Elas são essenciais a um grupo porque estão atreladas à construção de sua identidade. São o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de continuidade e de experiência, isto é, de identidade. (IPHAN/PB, 2013, p.07).

E apesar de serem experiências pessoais e cada criança ter realizado sua atividade em sua residência, tais experiências são resultado de algumas marcas de uma história mundialmente coletiva, ao evocarem a pandemia. São narrativas diversas que se entrelaçam por este momento tão delicado que estamos experienciando. São tempos em que cada pessoa resumiria de uma forma, como por exemplo, medo, insegurança, incerteza, saudade, desestabilidade, desestrutura, ressignificações... mas tempos em que a prioridade é preservar a vida, tempos em que ficou claro que nosso primeiro patrimônio é a vida!

Nota-se em alguns títulos das caixas o entendimento das crianças da importância da realização do projeto e o conceito de memória de que elas têm. Temos títulos como “Caixa Mágica”, “Minhas memórias em caixa”, “Minhas Memórias”. Vejamos:

Figura 3 - Caixas de Memórias de alguns estudantes



FONTE: Arquivo da pesquisadora

Cabe também um destaque à ilustração utilizada na caixa de memórias de Yasmin, que associa emoção e conhecimento como significado de memória, podemos identificar a emoção na figura de um coração que se encontra no centro do cérebro. Cumpre destacar aqui que a estudante não escolheu nenhum nome fictício para sua identificação.

Figura 4 - Caixa de Memória da Yasmin



FONTE: Arquivo da pesquisadora

Os vídeos realizados pelas crianças foram transcritos e, posteriormente analisados. Como exemplo da consciência e da dedicação das crianças na confecção de suas caixas segue a foto da caixa de memória de Isa e a transcrição do seu vídeo:

Figura 5 - Caixa de Memória da Isa



FONTE: Arquivo da pesquisadora

Oi professora! Esta aqui é a minha caixinha e eu vou falar tudo que vou guardar dentro dela de lembrança. Esse desenho aqui que fiz na casa da minha madrinha quando eu fui na casa dela e eu fiz com o Paulo, tem este desenho aqui, este desenho aqui, este, esta caixinha com várias buchinhas de cabelo que eu e minha mãe foi em uma loja quando não tinha essa pandemia e a gente foi comprar umas coisinhas para mim e eu escolhi este daqui. Também tem esta fotinha quando eu estava estudando e era no meu primeiro ano que eu tinha a professora Jaque, a Jaqueline e aqui tem todos os meus coleguinhas. E também tem essa pulseirinha de quando eu era pequena, eu era bebezinha e agora não cabe no meu braço e foi a dindinha que me deu. E é isso que tem dentro da minha caixa. Tchau! Beijo! Fica com Deus! (ISA, 2º Ano).

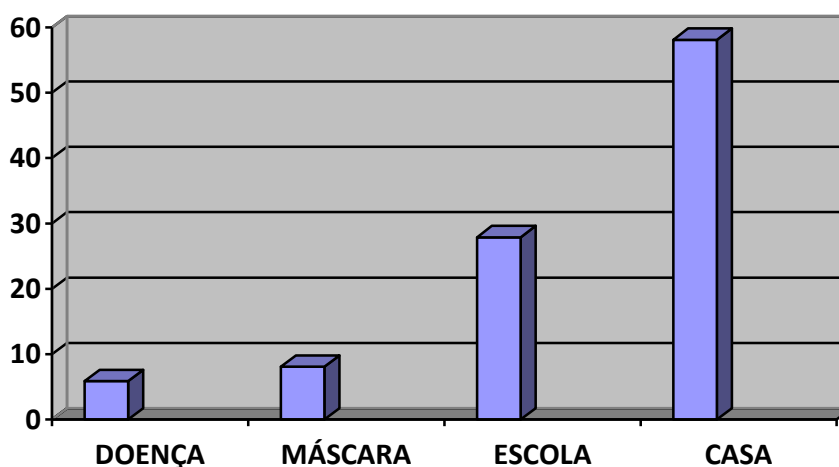
3º passo: QUESTIONÁRIO

Após a confecção das caixas de memórias foi realizado um questionário com as crianças, no qual destacamos as seguintes perguntas: 1. O que mais tem incomodado você nesta pandemia? 2. Como você está se sentindo com esta pandemia? 3. O que você tem feito na pandemia? 4. Você acha que podemos comparar a sua caixa de memórias com um museu? Por quê?

Em resposta ao primeiro questionamento 5,9% disseram que o Covid e suas consequências como internações e mortes são o que mais têm lhes causado incômodo. Vale ressaltar que em respostas como “As mortes.” (CHAVES – 4º Ano), “As pessoas morrendo.” (NIM – 5º Ano), “Ver pessoas queridas ficarem doentes.” (ZORRO – 3º Ano) nota-se bastante empatia e respeito por parte das crianças. Para 8,1% dos respondentes o uso de máscaras é o que mais incomoda, como vemos na resposta de Hulk “Não poder sair sem máscara.” (2º Ano). 27,9% sentem-se incomodados por não poderem ir à escola e 58,1% apontaram o ficar em casa como o que mais tem incomodado.

Para uma melhor visualização vejamos o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - O que mais tem incomodado você nesta pandemia?



FONTE: Dados computados pela pesquisadora

Em relação ao questionamento “Como você está se sentindo com esta pandemia?” a grande maioria dos respondentes disseram que estão tristes. Sendo que 5,6% disseram estar entediados, 20,8% estão felizes e 73,6% responderam que estão tristes como vimos nas respostas de dois alunos do 4º ano: “Triste, porque está morrendo muita gente.” (CARMEN SAN DIEGO – 4º ano), “Triste. Porque muitas pessoas estão morrendo e sofrendo”. (ZENON – 4º Ano). Em suas respostas é possível perceber bastante maturidade e entendimento do momento que estamos atravessando, momento este que não está sendo fácil nem para os adultos nem para as crianças.

Quanto à pergunta “O que você tem feito na pandemia?” estabelecemos as seguintes categorias de respostas: brincar (brincadeiras populares), estudar, assistir televisão, jogos eletrônicos, ficar em casa, rezar e fazer nada. Sendo que 30,4% das crianças se encaixam na categoria brincar e dentre as brincadeiras citadas temos bola, bicicleta, boneca, cavalo, cachorro, pipa, patins, corda, patinete, peteca, skate, árvore, carrinho e lego. 22,6% responderam que estão estudando, 18,4% apontaram que estão assistindo televisão, 14,7% disseram que passam o tempo com jogos eletrônicos, 12,4% estão em casa e não citaram uma atividade específica, 1% responderam que estão rezando e 0,5% responderam que não estão fazendo nada. Somando as respostas referentes às atividades televisão e jogos eletrônicos

tem-se um total de 33,1% que ultrapassa o percentual de brincadeiras tradicionais. Segue o quadro com a categorização destas respostas:

Tabela 1- O que você tem feito na pandemia?

Brincar: 66 30,4%	Bola: 15 Boneca: 08 Brincando com o cachorro: 06 Pipa: 05 Pular corda: 02 Peteca: 01 Árvore: 01 Montar lego: 01	Bicicleta: 13 Cavalo: 07 Patins: 03 Patinete: 02 Skate: 01 Carrinho: 01
Estudar: 49 22,6%	Estudando: 49	
TV: 40 18,4%	TV: 40	
Brinquedos eletrônicos: 32 14,7%	Celular: 24 Vídeo game: 06 Fazendo tik tok: 02	
Em casa: 27 12,4%	Em casa: 23 Fico com minha família: 04	
Rezar: 02 1%	Rezar: 02	
Nada: 01 0,5%	Nada: 01	

FONTE: Dados organizados pela pesquisadora

E por último foi realizada a pergunta “Você acha que podemos comparar a sua caixa de memórias com um museu? Por quê?”. 3,3% deixaram esta pergunta em branco, 20% das crianças disseram que não e 76,7% responderam que podemos comparar, sim, a caixa de memórias e um museu. Segue algumas das respostas: “Sim. Porque eles guardam as melhores memórias”. (LAULAU – 2º Ano), “Sim. Porque lá guardei coisas importantes”. (BATMAN – 2º Ano), “Sim, porque as coisas do museu fizeram parte de uma história, igual minha caixa de memórias.” (LADYBUG – 2º Ano), “Sim. Porque a caixinha de memória é como um museu

que unem presente, passado e futuro.” (BELA – 4º Ano), “Sim, pois ambos guardam um pouco da nossa história.” (MAILA – 5º Ano).

Novamente percebemos respostas bastante inteligentes e pertinentes, de modo que além de prática museal ou de musealização podemos denominar este projeto como uma prática cidadã que nos leva – crianças, professoras, leitores - a refletirmos sobre este tempo que estamos vivenciando.

Parafraseando Erven e Miranda (2014), Educação Museal é uma prática cidadã, sendo o museu “Templos que nos conduzem a olhar o Tempo” (p.93). Cada caixa de memórias produzida pelas crianças é uma das metáforas deste templo a que se referem Erven e Miranda (idem), uma vez que não consideramos museu somente como aquela edificação suntuosa que guarda objetos que pertenceram a pessoas ilustres. Museu pode ser “casa dos sonhos” (GONÇALVES, 2003, p.181) como se referiu Walter Benjamin aos museus de Paris do século XIX. Já para o índio, Diodato Aimbo “um museu é um lugar para colorir o pensamento.” (FREIRE, 2003, p.251) e para o índio Bernardo Romaina os museus foram criados “Para não esquecer!” (idem).

Pois bem, em cada caixa de memórias contém histórias de vida diversas; lembranças e registros de uma experiência vivida nestes tempos tão difíceis!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que o projeto cumpriu seu objetivo principal de realizar a atividade Caixa de Memórias com as crianças da Escola Municipal Bom Pastor oportunizando a vivência de uma experiência museal, de modo a deixarem registradas suas memórias da pandemia e também oportunizou um momento de reflexão sobre este período pandêmico que assolou os anos de 2020 e 2021.

Através da participação das crianças, de seus registros, suas respostas e o envolvimento de todas as turmas, podemos afirmar que a realização de experiências de musealização na escola é uma prática possível. O desenvolvimento e análise desta atividade traz alguns indícios interessantes, dentre eles a transparência e maturidade das crianças ao compartilharem suas recordações plenas de significados e sentidos, oportunizando a realização de uma experiência museal realmente humanizadora.

O projeto Caixa de Memórias foi uma forma de acolhimento e respeito às lembranças e vivências das crianças, conectando conhecimento e vida, incorporando experiências e histórias de vidas deste tempo presente (pandêmico) que não será esquecido e que deixará marcas na vida de todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL: Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a pandemia do Novo Coronavírus – COVID 19. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, suplemento n.53, 18 de mar. 2020. p.36. Disponível em > <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376> . Acesso em: 09 set. 2021.

DONA CRISTINA perdeu a memória. Direção de Ana Luíza Azevedo. Porto Alegre, 2002 (13min). Disponível em <https://getnap.link/SdqdDobi4dd>. Acesso em abril de 2021.

ERVEN, Maria Fernanda van. MIRANDA, Sônia Regina. **Crianças nos templos das Musas: mediadores culturais, processos de significação e aprendizagens em museus**. In: Revista História Hoje. v.3, nº6, p. 91-119 – 2014.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **A descoberta do museu pelos índios**. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário (orgs). Memória e Patrimônio – ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro. DPP&A, 2003, p. 220-254.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Os museus e a cidade**. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário (orgs). Memória e Patrimônio – ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro. DPP&A, 2003, p. 181.

IPHAN/PB. **Educação Patrimonial: educação, memórias e identidades**. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2013 (Caderno Temático 3).

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.